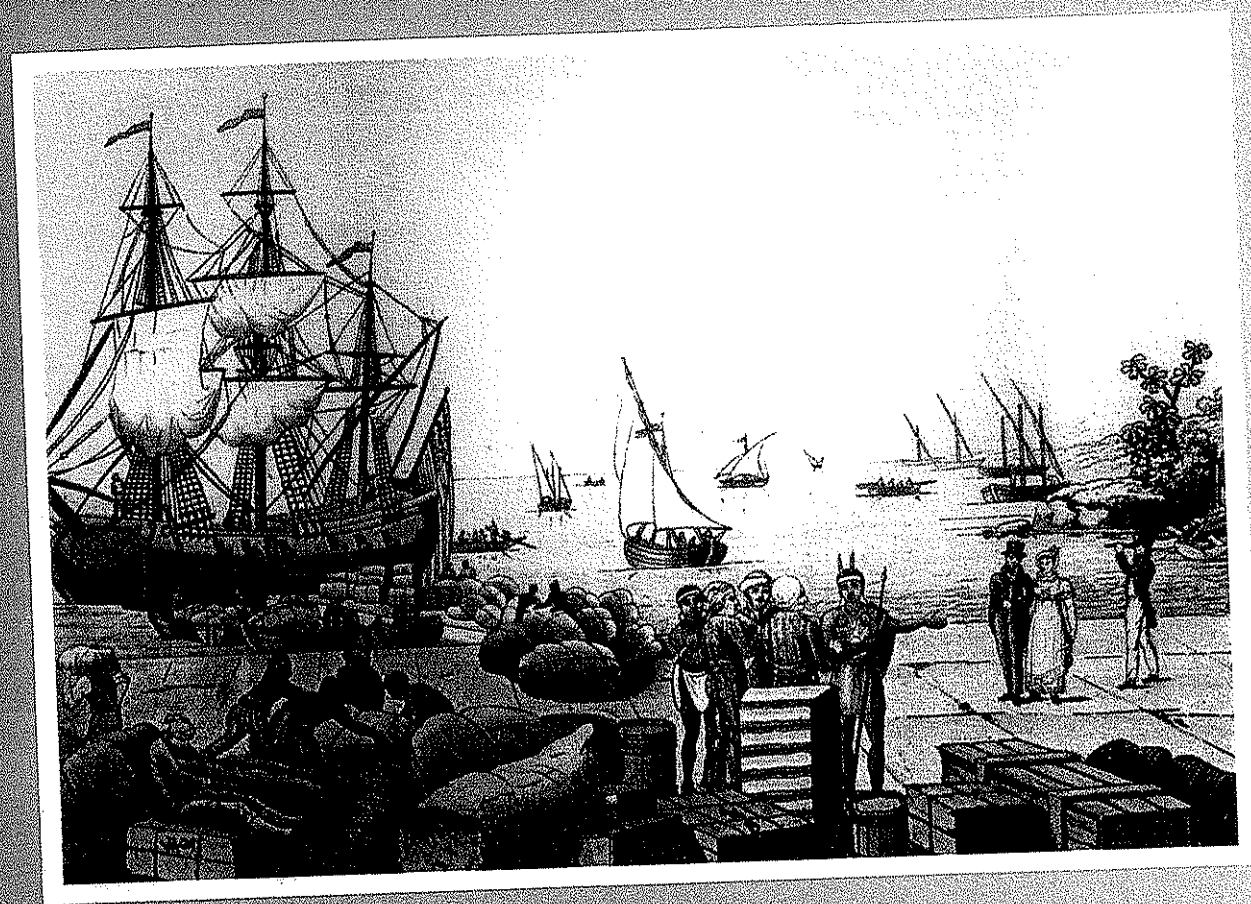


HISTÓRIA DO AÇÚCAR

ROTAS E MERCADOS



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

HISTÓRIA DO AÇÚCAR

ROTAS E MERCADOS

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO
SECRETARIA REGIONAL DO TURISMO E CULTURA
2002

OS ITINERÁRIOS DO AÇÚCAR EM PORTUGAL CONTINENTAL NA IDADE MÉDIA

ISABEL DE FREITAS CARDOSO
Universidade Portuguesa

Os livros de alealdamento dos portos secos, datados do início do século XVI e referentes ao Norte de Portugal Continental, contém informações diversas e de grande valor para a História Económica e Social da Idade Média.

Apesar dos dados contidos nestas fontes serem parciais e incompletos, através dos registos dos oficiais alfandegários aqui assentes, podemos encontrar referências que identificam mercadorias entradas e saídas pelos portos, os mercados que as transaccionam e as datas das transacções.

Estes dados parcos em conteúdo, permitem obter conclusões elucidativas que se ligam não apenas a factores únicos do comércio externo, por terra ou por via marítima, mas permitem também compreender os ciclos das produções rurais e urbanas dos produtos aqui encontrados, os ciclos de transacção mais ou menos alargados em espaço e descobrem preços, pagamentos a efectuar pela passagem e pela anotação de mercadorias, as vias mais movimentadas, os transportes e embalagens mais utilizados, entre outros.

Os bens de exportação que aqui estão registados são sobretudo produtos de exploração rural, tecidos de linho, de estopa e de seda, bens alimentares entre eles os peixes, conservas, mel e açúcar, algumas peles entre as quais se salientam as peles de marta, de raposa e os papalvos. Entre os importados encontram-se sobretudo panos castelhanos, marçaria variada, algumas matérias-primas, bens alimentares e animais.

Realidade parcial do que se regista em geral no comércio português de exportação e de importação mas que, contudo, deixa transparecer alguns movimentos de relevo que naturalmente podem ser representativos de um todo.

¹ Livros que servem de base a este estudo têm, nos IAN/TT, as referências de NA 578, NA 538 e NA 825.

O movimento portuário de Barcelos regista também, entre as mercadorias aqui entradas, o açúcar. Este porto surge apenas referenciado nos *Livros de Registo de Sisa e Dízima dos Portos Secos* de 1526 e 1528⁵. Os valores destes livros correspondem a alguns pagamentos de sisa e dízima efectuados por parte dos frequentadores das alfândegas dos portos secos.

As referências aqui encontradas registam para o ano de 1526 a entrada de 41 arrobas e para o ano de 1528 de cerca de 50 arrobas⁶. O seu destino? Não é revelado pelas fontes, mas mais uma vez a partir de Barcelos cruza a fronteira para ser trocado por panos e marçaria.

Quadro nº 1 – Alealdamento de açúcar pelos portos secos

Data	Porto	Mercador	Açúcar entrado
1516, Fevereiro, 23	Guimarães	Gil Vaz de Guimarães	32 cargas de açúcar ⁷
1516, Agosto, 14	Guimarães	Gil Vaz de Guimarães	21 cargas de açúcar (8 arrobas por carga) ⁸
1516, Novembro, 5	Guimarães	Gil Vaz de Guimarães	17 cargas de açúcar branco ⁹
1516, Abril, 5	Guimarães	Diogo Alvares	6 cargas de açúcar branco ¹⁰
1516, Maio, 23	Guimarães	Fernão Gonçalves de Guimarães	22 cargas de açúcar (que contem 1 carga de escumos, 1 de açúcar quebrado) + 12 cargas de açúcar ¹¹
1516, Novembro, 17	Guimarães	Fernão Gonçalves de Guimarães	24 cargas de açúcar branco + 4 de escumos ¹²
1516, Maio, 23	Guimarães	Garcia Rodrigues, marceiro	4 cargas de açúcar ¹³
1516, Junho 17	Guimarães	Garcia Rodrigues, marceiro	12 cargas de açúcar (8 arrobas por carga) + 5 cargas de açúcar ¹⁴

⁵ I.A.N./T.T., NA 522, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1526 e I.A.N./T.T., NA 515, Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1528.*

⁶ I.A.N./T.T., NA 522, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1528.*

⁷ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 134.

⁸ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 134v.

⁹ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 135v.

¹⁰ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 136.

¹¹ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 138v.

¹² I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 141.

¹³ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 142.

¹⁴ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 144.

Do rol dos produtos exportados pelos portos secos, um dos que mais chama a atenção é o açúcar. Referências à sua presença em alguns mercados, com saliência para os portos de Guimarães, Porto, Barcelos e Miranda do Douro, permitem verificar que este produto circula desde os portos do litoral até áreas mais interiores.

Os dados encontrados nas fontes que remetem para os portos de Barcelos e de Miranda do Douro, são casuais e pouco elucidativos. Os encontrados para os portos do Porto e de Guimarães permitem obter dados mais concretos.

Ao anotar os montantes relativos à quantidade do açúcar entrado, detecta-se que Guimarães é o porto que regista maior número de cargas e maior quantidade de passagens de açúcar. O porto intermediário que abastece o açúcar que passa em Guimarães também não é revelado. No entanto, conhecem-se casos de mercadores desta cidade que utilizam frequentemente a cidade do Porto e os seus navios para comercializarem através das vias marítimas³.

Sem dúvida que Guimarães é um local de selecção para a distribuição do açúcar para Castela. Burgo bem posicionado em rotas comerciais terrestres de relevo na Idade Média facilmente alcança a Galiza ou o interior castelhano ou qualquer parte do Norte português. Os seus mercadores devem ter captado este comércio que exige investimento pronto e uma rapidez de movimentos.

Pelo Porto exportam-se artigos que provêm do termo da cidade e que são canalizados para o exterior, o lenço, o linho, a estopa, o peixe que por aqui é pescado um no rio, outro no mar. Exportam-se outros bens que chegam à cidade utilizando as vias marítimas e que conheceram já o grande trânsito externo: os azenhais, o açúcar, o cravo e as peles de martas, tão apreciadas em toda a Idade Média³.

Mais uma vez é o açúcar que, comparativamente a outras mercadorias transportadas por via marítima, atingem valores de comercialização mais elevados. Só em Novembro registaram-se 322 arrobas no Porto⁴ com destino a Castela. Os níveis elevados de exportação de açúcar indicam a chegada assinalável a este porto de produtos provenientes das Ilhas do Atlântico.

O açúcar aqui chegou entra em circulação nas rotas terrestres que partem do litoral e alcançam o interior castelhano ou o norte galego. Porto de nome conhecido pelos mercadores do comércio do Atlântico, não poderia deixar de participar numa rota tão lucrativa.

³ CARDOSO, Isabel Vaz de Freitas Botelho – Organização. In *História da Marinha Portuguesa*, Parte II, [vol. 2] "Homens Doutrinas e organização 1139-1414", coord. Humberto Baquero Moreno. Lisboa: Academia da Marinha, 1998, p. 125.

⁴ Dados recolhidos a partir dos *Livros de alealdamentos*. O Porto encontra-se, nos livros de alealdamentos individualmente e agrupado a Braga e a Guimarães. Por este motivo os dados aqui apresentados não são totalmente exactos.

⁵ Dados obtidos em I.A.N./T.T., NA 538, *Livro de Alealdamento (1517)*.

Designado por açúcar, açúcar branco, açúcar quebrado ou *escumos* é transportado em cargas de 7 arrobas, 7 arrobas e meia e de 8 arrobas³⁸, no dorso de animais que formam fileiras pelas vias por onde passam. Ao lado dos panos é das poucas mercadorias que passam em grosso pela fronteira. A grande parte dos azeites transportados nestes livros são artigos soltos, miúdos e de pouca importância económica.

A preferência vai para o açúcar designado apenas por açúcar ou açúcar branco, reservando menor espaço ao quebrado e aos escumos. Neste caso a qualidade evidencia a preferência.

No porto de Miranda do Douro, as referências ao açúcar constam do seu foral ao lado de produtos de caça, couros, peles, marçaria, especiarias, sal, artigos de tinturaria, metais, escravos, utensílios domésticos, e muitos outros. Produtos que transformam o mercado de Miranda num local abastecido de bens diversos que certamente atraem compradores provenientes de Castela que aqui procuram não apenas os produtos de uso diário, mas sobretudo mercadorias que despertam o maior interesse, como o sal, as especiarias, os escravos e o açúcar³⁹.

O foral de Miranda do Douro revela a produção de conservas com açúcar ou com mel. A falta de mais dados não permitem revelar que artigo aqui se conserva⁴⁰. No entanto coloca a descoberto o uso de açúcar na confeção de outros produtos e o seu valor como matéria conservadora.

Outros portos do sul não estão abrangidos pelos livros de alealdamentos estudados. Conhecem-se contudo, referências isoladas que indicam a chegada aos portos do litoral do centro e sul de açúcar e a sua passagem para Castela.

Assim o revela o movimento da alfândega de Marvão. Detecta-se neste porto, a presença do açúcar, com especial relevo de exportação. Por Marvão passam, em direcção a Castela, os panos de linho, pano da Judeia, especiarias e açúcar. É Bernaldo Nunes de Santarém que passa para Castela no dia 31 de Maio de 1533, com 3 cargas de açúcar e 500 varas de linho no valor total de 30 000 reais⁴¹. Este mercador certamente com origem em Santarém terá, provavelmente, comprado o açúcar em Lisboa.

Mais a sul os barcos algarvios também transportam açúcar da Madeira⁴².

³⁸ Ver quadro nº 1.

³⁹ DIAS, Luiz Fernando de Carvalho - *Forais manuelinos do Reino de Portugal e do Algarve Conforme o exemplar do Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa: Trás-os-Montes*. S.l., s.n., 1961, p. 1-4.

⁴⁰ SANTANA, Maria Olinda Rodrigues - *Livro dos Forais Nove da Comarca de Trallos Montes: introdução, edição diplomática e notas*. Mirandela: João Azevedo, 1999, p. 70.

⁴¹ COSME, João dos Santos Ramalho e MANSO, Maria de Deus Beites - O movimento comercial da alfândega de Marvão no ano de 1533. In *A Cidade*. Portalegre, 1989. Nova série, nº 3, p. 78 e 95.

⁴² Ver Braancamp Freire - A feitoria da Flandres. In *Arquivo Histórico português*, vol. 7, 1909, doc. 21 e 64.

Data	Porto	Mercador	Açúcar entrado
1516, Junho, 10	Guimarães	Diogo Garcés	3 cargas de açúcar branco ¹⁵
1516, Novembro, 17	Guimarães	Diogo Garcés	20 cargas de açúcar branco ¹⁶
1516, Junho, 2	Guimarães	Francisco de Valença	9 cargas de açúcar ¹⁷
1516, Junho, 11	Guimarães	Francisco de Valença	10 cargas de açúcar ¹⁸
1516, Novembro, 17	Guimarães	Francisco de Valença	13 cargas de açúcar branco ¹⁹
1516, Junho, 4	Guimarães	Gomes Pires	9 cargas de açúcar branco + 1 de quebrado ²⁰
1516, Junho, 17	Guimarães	Gomes Pires	21 cargas de açúcar + 11 cargas ²¹
1516, Agosto, 30	Guimarães	Gomes Pires	5 cargas de açúcar branco ²²
1516, Novembro, 5	Guimarães	Gomes Pires	32 cargas de açúcar branco + 3 de escumos ²³
1516, Novembro, 7	Guimarães	Gomes Pires	20 cargas de açúcar ²⁴
1517, Março, 4	Porto	Jorge Dias	16 arrobas de açúcar ²⁵
1517, Novembro, 20	Porto	António Dias	46 cargas de açúcar (7 arrobas cada carga) ²⁶
1526	Barcelos	Mestre Tomás	41 arrobas de açúcar
1528	Barcelos	Tomás Nunes	3 000 reais de dízima de açúcar

De facto, os portos de Guimarães e do Porto concentram elevadas passagens de açúcar. Os anos de 1516 e de 1517 comportam a transacção de 2665,5 arrobas de açúcar²⁷. Esta quantidade assinala uma presença abundante do açúcar nos mercados nortenhos, abundância que remete para uma ampla utilização.

¹⁵ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 144.

¹⁶ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 145.

¹⁷ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 146.

¹⁸ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 146.

¹⁹ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 146v.

²⁰ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 147v.

²¹ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 147v.

²² I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 148.

²³ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 148.

²⁴ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 148.

²⁵ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 171.

²⁶ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 178.

²⁷ A contagem em arrobas foi efectuada pelo valor mais baixo, ou seja de 7 arrobas por carga, quando não se encontrou referenciada a equivalência das cargas em arrobas.

Assim, de norte a sul o açúcar chega e em elevadas quantidades permitindo a quem nele participa lucros certamente avantajados.

Não conhecemos o local de proveniência nem o destino imediato do açúcar. Não há, no entanto, dúvida quanto à sua vinda da Ilha da Madeira. As referências à saída de panos de Castela para as *Ilhas*, anotadas no *Livro de recebimento de sisa e dízima* relativo ao ano de 1512³³, permitem aceder a uma rota de circulação de panos e de retorno de açúcar que liga a Madeira aos portos do Portugal Continental Atlântico.

Ao alcançar estes portos, o açúcar segue viagem por caminhos que cruzam a fronteira e encontram mercados castelhanos e galegos onde é trocado por mercadoria variada e panos, designados apenas por panos, panos pardos, panos de Palência, de Zamora, de Segóvia, de Cuenca, de Baeza, de Logronho, Ylandras, Bruges, lenço de Ruão, entre outros.

Mais uma vez, a imprecisão existe e não surgem identificados os mercados e as feiras que colocam termo a estas viagens. Mas, sabe-se que entre os locais de comércio mais visitados por mercadores portugueses se encontram as vilas castelhanas mais próximas da fronteira como Zamora³⁴, Medina de Rio Seco³⁵, Benavente³⁶, Salamanca³⁷, Medina del Campo³⁸, Villalón de Campos³⁹, Leão⁴⁰, Valladolid⁴¹. Na Galiza a atenção vai para Tui, Redondela e Santiago⁴².

O seu transporte é efectuado por alguns mercadores que se salientam entre o grosso dos comerciantes que utilizam os portos secos.

Gil Vaz de Guimarães, Garcia Rodrigues, Diogo Garcés, Gomes Pires são avultados mercadores de panos castelhanos, oriundos de Guimarães, Mestre Tomás é um avultado mercador de Barcelos que transporta essencialmente panos. Estes são mercadores de posses que possuem almocreves a seu serviço⁴³. A título de exemplo Gomes Pires alealdou 32 cargas de açúcar branco que foram transportadas por 4 almocreves de Braga⁴⁴.

³³ I.A.N./T.T., NA 517, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1512.*

³⁴ LADERO QUESADA, Miguel Angel – Las ferias de Castilla. Siglos XII a XV. In *Cuadernos de Historia de España*, LXVII-LXVIII. Buenos Aires: Instituto de Historia de España, 1982.

³⁵ *Idem.*

³⁶ *Idem.*

³⁷ *Idem.*

³⁸ DEL VAL VALDIVIESO, Isabel – Mercaderes portugueses en Medina del Campo (siglo XV). In *Actas das Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, II, Porto, 1987. Porto: s.n., 1987.

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ LADERO QUESADA, Miguel Angel – Las ferias de Castilla. Siglos XII a XV...

⁴¹ LADERO QUESADA, Miguel Angel – Economía mercantil y espacio urbano: ciudades de la Corona de Castilla en los siglos XII a XV. In *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Tomo CXCI, Madrid, Cuaderno II, Mayo-Agosto, 1994.

⁴² LADERO QUESADA, Miguel Angel – Las ferias de Castilla. Siglos XII a XV...

⁴³ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 147v.

⁴⁴ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 148.

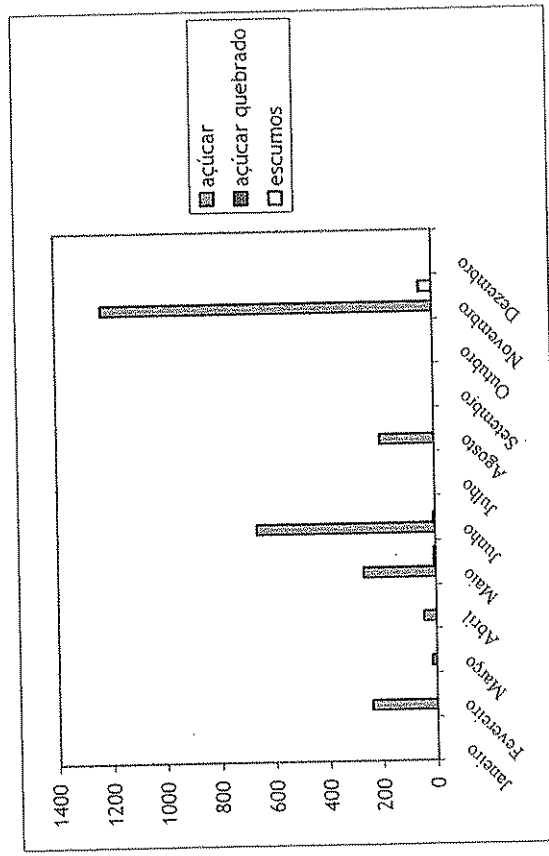
Pouco sabemos sobre Diogo Alvares, Fernão Gonçalves de Guimarães, Francisco de Valença, Jorge Dias, António Dias e Tomás Nunes, uma vez que os livros de alealdamentos não citam com frequência os seus movimentos. O transporte de açúcar é a única anotação às actividades destes mercadores registadas nos livros de alealdamento. O silêncio deixa em aberto muitas questões.

O movimento mensal do açúcar pelos portos secos é importante para reflectir sobre o tempo das viagens marítimas, a sua chegada aos portos do litoral e o tempo da sua comercialização para o interior.

A transacção deste produto ocorre sobretudo nos meses Fevereiro, Abril, Maio, Junho, Agosto e Novembro, meses que se relacionam certamente com a chegada de navios ao litoral. Especial atenção para a comercialização do açúcar é reservada aos meses de Novembro e Junho. As exigências anuais do consumo de açúcar no início século XVI, obrigam à sua comercialização mesmo nos períodos de Inverno.

Nos meses de Janeiro, Julho, Setembro, Outubro e Dezembro não ocorre nenhuma passagem desta mercadoria pelos portos secos. Questões climáticas ou outras que se prendem com os movimentos de mercado e da produção açucareira são razões que devem explicar esta ausência.

Gráfico nº 1 - Comercialização mensal do açúcar (em arróbas) nos anos de 1516 e 1517⁴⁵



⁴⁵ Dados recolhidos nos *Livros de alealdamentos* correspondentes aos anos de 1516 e 1517.

seu preço mas sim na utilização que tem no quotidiano da Idade Média e na sua generalização como produto de casa e como elemento presente na culinária medieval.

A leitura e o trabalho que recairá, em breve, sobre os livros dos portos do litoral irão trazer mais informações. As alfândegas do Porto, Caminha, Ponte de Lima, Viana, Vila do Conde, Aveiro, Lisboa, Buarcos, Faro, Portimão e Tavira serão revistas com minúcia. Assim o exige um projecto em curso estabelecido entre universidades francesas, espanholas e a Universidade Portucalense, projecto que pretende analisar o comércio e as rotas mercantis do Atlântico Medieval.

Este estudo mais aprofundado dos movimentos portuários do litoral poderá responder a muitas questões que permanecem em aberto e abrir novas portas para outros encontros e outros itinerários.

Não sendo a sua conservação das mais duradouras, a procura deste produto em boas condições obriga a tempos de armazenamentos curtos.

Apesar das questões da sua durabilidade, o seu armazenamento existe como revelam algumas descrições presentes nos livros de alealdamentos. A título de exemplo pode ser citada uma das viagens de Gil Vasques de Guimarães na qual alealdou 29 cargas de açúcar e mais tarde alealdou mais 3 que tinha guardado em sua casa.⁴⁶ O mesmo se passou com Fernão Gonçalves, mercador, que mandou vir de sua casa mais 12 cargas de açúcar.⁴⁷ Por vezes os comerciantes vendem facilmente as cargas que transportam e como tal são obrigados a enviar algum criado a casa buscar uma ou outra carga enquanto continuam as vendas. É indispensável ter sempre armazenada a mercadoria que transaccionam e homens disponíveis para enviar a casa sempre que necessário.

Apesar das poucas referências aos pagamentos individuais de sisa e dízima, é possível verificar que produtos como o cordovão, os carneiros e os sáveis pagam percentagem mais elevada de direitos na importação que o açúcar. O açúcar está ainda longe dos montantes atingidos pelos cereais, que como é evidente estão sujeitos a grandes variações nos pagamentos de dízima e sisa. Acompanha mais de perto os montantes efectuados pela ferragem, ou, nas devidas proporções, pelas galinhas.

Quadro nº 2 - Pagamento de sisa e dízima por produto⁴⁸

Produto/Quantidade	1526	1528
Açúcar/1 arroba	58 reais e meio	60 reais
Trigo/1 alqueire		62 reais e meio
Centeio/ 1 alqueire	100 reais	
Cordovão/1 unidade		50 reais
Ferragem/1 carga		100 reais
Carneiro/1 cabeça		10 reais
Galinha/1 ave		100 reais
Sáve/1 carga		100 reais

Desta forma, verifica-se que não é um produto tão caro como o cordovão, os carneiros, sáveis ou os cereais. O seu preço em meados do século XVI deve ser acessível ao poder de compra de uma boa parte da população, podendo facilmente fazer parte do seu quotidiano. Assim, a questão do seu uso não se coloca tanto no

⁴⁶ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 134.

⁴⁷ I.A.N./T.T., NA 578, *Livro de Alealdamento (1516)*, fl. 138.

⁴⁸ I.A.N./T.T., NA 522, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1526 e I.A.N./T.T., NA 515, Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1528.*